

A SEQÜÊNCIA QUIMÉRICA DE DERRIDA EM *O ANIMAL QUE LOGO SOU*

Agnes Teresa Colturato CINTRA¹

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou:** (a seguir). Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Ed. UNESP, 2002. 93 p.

A Editora da UNESP, Universidade Estadual Paulista, tem suprido lacuna deixada pelo mercado editorial brasileiro ao oferecer à comunidade acadêmica obras de interesse multidisciplinar como a primorosa tradução de *L'Animal que donc je suis. (À suivre)*, uma das mais recentes produções (1999) do filósofo franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004), com a qual nos brindou no final de 2002.

O texto derridiano nos é apresentado pelo tradutor e comentador Fábio Landa como correspondendo a uma aula proferida pelo polêmico pensador contemporâneo por ocasião do terceiro colóquio de Cerisy, 1997, decorrido ao longo de quatro sessões, em dois dias consecutivos de estudos que tiveram a obra de Derrida como eixo. Ressalta que as atas desse colóquio resultaram no livro *l'Animal autobiographique*, uma retrospectiva do trabalho do filósofo.

Ultrapassar as bordas entre fala e escritura não compromete a informalidade da comunicação em *O animal que logo sou: (a seguir)*. Num primeiro contato com a obra, a pequena extensão textual convida o leitor a se abandonar ao agradável fluxo da oralidade, revivendo o momento do colóquio de Cerisy. Se o estímulo à audição textual facilita acompanhar a linha de pensamento que une as idéias associadas de “eu sou” e “animalidade”, a releitura que se detém pontualmente possibilita adentrar o que Landa chama de “rede de conexões” que essas associações mantêm com o “enorme leque de questões que se estende da epistemologia, metafísica e ética à literatura”.

Através do exercício da literariedade, Derrida alcança, com a produção deste texto, o sonho admitido em momento de distensão, testemunhado por Landa, durante o colóquio: “gostaria de poder escrever e de falar de maneira que me permita seguir a música da frase até a morte”². Na busca dessa quimera musical, circulando entre imagens míticas e metáforas, o discurso filosófico de Derrida dilui os limites entre os

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – agnte@uol.com.br

² Na apresentação da obra, Flávio Landa atribui a Derrida esta observação informal.

gêneros textuais, problematizando a capacidade de nomeá-los: filosofia ou mito-poética? Ficção depoimento ou filosofema? Autobiografia ou Zoopoética?

A linguagem marcada por repetições encadeadas às labirínticas reflexões filosóficas atinge uma circularidade condizente com o caminho da quimérica seqüência autobiográfica que o filósofo se propõe a escrever em continuação a momentos coloquiais anteriores já registrados: *A passagem das fronteiras* (colóquio de 1994) e *Os fins do homem* (1981). A singularidade de tal autobiografia decorre exatamente do seu caráter híbrido ou quimérico, herdado do entrelaçamento que esta história sobre o percurso do “animal” na metafísica estabelece com os fins do homem e com a passagem de fronteiras.

“De onde vem o conceito de homem? Como o homem, ele mesmo, pensa o que é o **próprio** do homem?” Em *O animal que logo sou: (a seguir)*, Derrida questiona a genealogia do conceito de homem, a partir da distinção homem/animal. Conforme nos expõe, a noção de “animalidade” teria sempre ocupado espaço significativo nas veredas por ele trilhadas na filosofia: a questão do vivente animal “terá sido sempre para mim a grande questão, a mais decisiva”, quer seja abordada “diretamente ou obliquamente mediante a leitura de *todos* os filósofos” (DERRIDA, 2002, p. 65). Dentre as abordagens diretas, cita aquelas que considera evidentes como “o fim do ‘Bicho da seda’”, em *Contretemps* (1997), ou diluídas pelo texto como a “iconografia de *Sócrates e Platão*”, em *La Carte postale* (1980). A questão do “animal”, igualmente, está incorporada nas figuras do macaco (*La Main de Heidegger*, de 1987) e do ouriço (*Che cos'è la poesia?*, de 1992).

O tema dos limites entre a animalidade e humanidade é objetivamente enlaçado a partir de confessa inquietação suscitada pelo momento em que o filósofo é surpreendido nu, no silêncio de sua intimidade, pelo olhar de um gato. A dificuldade de vencer um incômodo, decorrente desta situação do seu cotidiano, provoca um movimento de reflexividade, o qual tem como resultado a elaboração do percurso autobiográfico que passa pela história do animal na filosofia. Propondo-se a tratar o que liga a história do “Eu sou” à história de “O Animal”, insere, em suas reflexões filosóficas, um **eu** indagador capaz de edificar uma “zoo-auto-bio-bibliografia”. Para Derrida, deixar-se apreender, em estado de nudez, pelo olhar do animal é mote desencadeador de labirínticas reflexões: “O animal nos olha e estamos nus diante dele. E pensar começa, talvez, aí” (2002, p. 57).

A inserção da primeira pessoa da enunciação coloca o filósofo no centro do palco, onde atua ao lado de um gato, no final dessa “peça de três atos”³. No ato final, que ensaia o que virá em *O animal autobiográfico*, Derrida experimenta ser ator de

si mesmo, viajar na própria interioridade, dela resgatando, através da memória, o elemento comum às formas plurais do pensamento ocidental, referentes ao conceito de homem que foi moldado e consolidado através dos séculos – o pilar da distinção entre o **homem** e o que ele nomeia como **animal**. Esse pilar, construído a partir de uma unilateralidade – apenas do ponto de vista humano –, apóia-se na convicção de uma **falha**: o animal **em falta de uma resposta**, o animal em falta da palavra, o animal como *alagon* heideggeriano, prisioneiro do seu mutismo.

Derrida emprega o termo “zoopoética” para se referir à presença marcante de animais na literatura, destacando a relação escópica entre o homem e o animal presente em Kafka, Rilke, Baudelaire, Carroll e Hoffmann. Apropriando-se dessa função “zoopoética” da linguagem, diante do animal que o olha, o filósofo indaga: “Quem sou eu então? Quem é esse que sou? A quem perguntar, senão ao outro? E talvez ao próprio gato?” (DERRIDA, 2002, p. 18) - ao animal que logo sou?

A partir dessa aporia inicial, desenvolve extensa digressão cuja linha mestra reiteradamente entrelaça os conceitos desenvolvidos ao longo do seu itinerário aos pensamentos de Freud e Kofman, Husserl e Benjamin e aos caminhos que vão “de Aristóteles a Descartes, sobretudo, a Heidegger, a Levinas e a Lacan” (DERRIDA, 2002, p. 54). Em nota de rodapé, Derrida propõe leituras desses filósofos, reiteradamente citados em seqüências que alternam a ordem da enumeração, marcando sutis diferenças na repetição do mesmo – filósofos que interrogará durante o colóquio e que, segundo ele, “(de Aristóteles a Lacan, passando por Descartes, Kant, Heidegger, Levinas), todos dizem a mesma coisa: o animal é privado de linguagem” (DERRIDA, 2002, p. 62).

O dardo lançado pelo olhar de um domesticado ser vivente direciona outro olhar – o do filósofo –, que recai sobre a linha discursiva repetidamente enunciada em sua fala: “de Aristóteles a Heidegger, de Descartes a Kant, Levinas e Lacan” (DERRIDA, 2002, p. 54 e 83). É sobre esta abrangente linha histórica que se faz única por discursos “fortes e profundos”, discursos construtores de um *teorema* da animalidade, que as noventa e três páginas de *O animal que logo sou* abre uma fresta indicativa da direção a ser seguida (*A seguir*). Esses donos de discursos “fortes e profundos”, sem terem jamais registrado quaisquer experiências de passivamente serem visto por um animal, serão confrontados pelo pensador contemporâneo que indaga: “O animal que eu sou fala?” Ou será que detém apenas a possibilidade, negada ao animal, de “traçar, apagar ou confundir seu rastro” (DERRIDA, 2002, p. 63), envolvendo com véus as palavras?

O texto derridiano realiza a vocação de ser “um texto fundador”, conforme preconiza seu comentador Landa, a partir do momento (correspondente em extensão ao meio da elocução) em que o filósofo assume não ter nenhum interesse numa discussão que envolva ou não uma ruptura entre “aqueles que se chamam de homens

³ Com esta expressão Derrida refere-se à trilogia composta por suas obras: *Os fins do homem*, *A passagem das fronteiras* e *O animal autobiográfico*, sendo que, na época do colóquio, esta última ainda se achava em estado de elaboração.

e o que os ditos homens, aqueles que se nomeiam homens, chamam o animal”. Admitindo que todo mundo está de acordo sobre a presença desse abismo, o enfoque recai sobre a ruptura em si, não para ser negada ou desconstruída, mas, pelo contrário, para ser ampliada, pelo deslocamento do olhar direcionado a partir da borda *pretensamente* humana para a margem múltipla e heterogênea das espécies viventes humanamente organizadas ou não. Fundador sim, o texto de *O animal que logo sou* nos fala de construção.

Derrida nos propõe a construção de um novo olhar sobre a questão da animalidade, um enfoque a partir do ponto de vista do animal: “Que animal? O outro.” (DERRIDA, 2002, p. 15). O outro é aquele que o olha nu, em sua intimidade, no interior de um cômodo: o gato.

“Que me dá a ver esse olhar sem fundo?” (DERRIDA, 2002, p. 30)

O texto se abre à segunda hipótese, a “uma outra lógica do limite”, possível de ser articulada a partir do sentimento da nudez, um dos *próprios* do homem: “O animal nos olha, e estamos nus diante dele”. Diante do animal que o olha nu, o homem sente a nudez, o homem está em “falta”.

Posicionando-se a partir do ponto de vista determinado pelo olhar do animal, a zoo-autobiografia intelectual de Derrida cede espaço à zoo-autobiografia sentimental. Isto acontece quando o filósofo desloca a questão da distinção do âmbito da capacidade que o homem tem de exprimir suas idéias através da palavra para o âmbito do sentir uma ausência. A “questão **prévia e decisiva**” passa a ser saber se os animais também sentem a ausência: “saber se os animais **podem sofrer**”.

Não é por acaso que o filósofo expõe, ao seu ouvinte-leitor, a relação especular que estabelece com um gato, animal que tem uma percepção precisa do espaço que o rodeia e por isso sempre encontra uma via de saída para cada situação, mesmo a mais difícil.

Como o “mago absconso” pré-anunciado pelo apresentador de sua obra, Derrida localiza, na linha da filosofia que vai de “de Aristóteles a Heidegger, de Descartes a Kant, Levinas e Lacan”, mais precisamente “há dois séculos”, em Bentham uma “falha ou fresta”, a partir da qual se abre a possibilidade de “mudar a própria forma da questão do animal”, tal qual ela domina o discurso da tradição: dissolver o limite abissal que o *logos* edifica entre homem e animal e aproximá-los a partir do *pathos* provocado pela finitude compartilhada e sentida pelo homem e animal: “a mortalidade que pertence à finitude propriamente da vida”. Em Bentham, o filósofo encontra essa “possibilidade de compartilhar a possibilidade desse não-poder, a possibilidade dessa impossibilidade, a angústia dessa vulnerabilidade e a vulnerabilidade dessa angústia” (DERRIDA, 2002, p. 55).

Com a questão “**os animais podem sofrer?**”, Derrida direciona o pólo de reflexão para o “sentir” e não toca no bloco de “certeza indubitável” que se poderia procurar no **cogito** cartesiano: “Penso, logo sou”.

O texto amplo da filosofia ocidental – “de Aristóteles a Levinas” –, como todo texto, segundo nos diz o próprio Derrida, em *A farmácia de Platão*, “só é um texto se ele oculta ao primeiro olhar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e a regra de seu jogo” (DERRIDA, 1997, p. 7). Entretanto, ao se dar a ler, a escritura “de Aristóteles a Levinas” apresenta, ao olhar do filósofo, uma fresta vulnerável, através da qual ele pode inserir o “multifacetado universo onde circula” repensado a partir do momento em que ele próprio se *sujeitou* à ótica de um gato e se expôs à experiência de retornar sobre os próprios passos, para dela resgatar, **a seguir, o animal que logo é**.

Neste ensaio sobre “animalidade” e “ser vivente”, o emprego dos parênteses, no título, sinaliza para o exterior que se integra; sugere o movimento de inserção do discurso derridiano da subjetividade no discurso tradicional da filosofia. O tradutor alerta o leitor sobre a ambigüidade da expressão “*je suis*” contida em *L’animal que donc je suis*, como parte do jogo derridiano: em francês “*je suis*” é a primeira pessoa do indicativo do verbo “*être*” (ser/existir) e do verbo “*suivre*” (seguir). A ambigüidade da palavra engaja um pensamento que multiplica as implicações do que quer dizer “viver, falar, morrer, ser e mundo como ser-no-mundo ou como ser-ao-mundo, ou ser-com, ser-diante, ser-atrás, ser-depois, ser e seguir, ser seguido ou estar seguindo” para este homem “irrecusavelmente **perto** do que chamam o animal” (DERRIDA, 2002, p. 28-9).

“Ser e seguir, ser seguido ou estar seguindo” implica destacar do “multifacetado universo” onde circula o filósofo, o ponto onde as tradições judaica e grega se cruzam: o ponto que coroa o homem como sujeito mestre da natureza e do animal. A Gênese indica o começo do **assujeitamento** do animal pelo homem que cumpre a determinação divina e **sujeita, doma, domina, adestra ou domestica e nomeia** os animais nascidos antes dele, com base no mutismo dos animais, os quais, paradoxalmente, ele está a seguir. Quanto ao mito grego, Derrida destaca o momento em que Prometeu rouba o fogo para reparar o esquecimento de Epimeteu que havia equipado todas as raças de animais, mas deixado “o homem nu”. Também aqui, a supremacia do homem se dará com base num defeito, só que, paradoxalmente, este defeito decorre de uma falta do próprio homem.

Derrida ocupa-se de um sentimento de pudor ligado ao estar em pé: o estar em pé do homem em relação ao animal. Ocupa-se por uma espécie de resgate do animal *assujeitado*, resgate de todo um bestiário filosófico que serviu à metafísica. Não é o fato de ter abordado a questão do vivente animal direta ou obliquamente, mas a autobiografia filosófica – o retornar sobre seus próprios passos, segundo os caminhos da filosofia –, que lhe abre a possibilidade de se entregar a uma interpretação anamnésica de todos os “seus” animais. Refere-se às figuras ou personagens de fábula e da “mitologia branca” – a mitologia que acompanha o pensamento filosófico ocidental – “animais que sigo desde sempre, há décadas e décadas”. O olhar do gato se multiplica: “Os animais me olham. Com ou sem rosto, justamente. Eles se multiplicam, eles me

saltam cada vez mais selvagemmente aos olhos à medida que meus textos parecem se tornar, como quiseram fazer-me crer, cada vez mais ‘autobiográficos.’” (DERRIDA, 2002, p. 67).

Ao cruzar o animal e a autobiografia, o filósofo confessa antiga obsessão de um bestário pessoal e um pouco paradisíaco. Propondo um novo jogo linguístico, indaga:

“Como acolher ou liberar tantos ANIMOTS em mim?” (DERRIDA, 2002, p. 69-70).

No desvelamento do hibridismo do novo vocábulo criado por Derrida – uma “outra palavra singular, ao mesmo tempo próxima e radicalmente estrangeira, uma palavra quimérica em contração com a lei da língua francesa” (DERRIDA, 2002, p. 77) –, o leitor conta com a eficiente atuação do tradutor e comentador: em francês, ANIMOTS pronuncia-se da mesma forma que ANIMAUX (plural de “animal”) e “mot” quer dizer “palavra”. Landa lembra ao leitor que o procedimento é o mesmo do anteriormente adotado, por Derrida, em *DIFFÉRENCE*, que se distingue de *DIFFÉRENCE* na escritura e não na pronúncia.

Com esse procedimento, o filósofo constrói um caminho que sustentará o seu direito de interrogar a genealogia do conceito metafísico de homem. O registro autobiográfico lhe possibilita o questionamento da linguagem, o **próprio** que distingue o homem do animal. Nos espaços entre as palavras, quando diz que “gostaria de me confiar a palavras que sejam, se possível fosse, nuas” (DERRIDA, 2002, p. 11), palavras com as quais abre o colóquio, ou nos espaços de “gostaria que se escutasse o plural de animais no singular” (2002, p. 87), o leitor identifica a presença de um olhar crítico à linguagem humana como instrumento da realização comunicacional pretendida: embora singular em sua composição, a palavra jamais será desnudada das vestes das convenções que durante séculos a cobriram; imperfeita, jamais conseguirá materializar uma sonoridade que comunique o quiasma de uma oposição.

A tessitura plural de *O animal que logo sou (A seguir)* pede que o seu autor restrinja o “multifacetado universo onde circula” a Descartes, mais precisamente, ao final da quarta parte de *Discurso do Método*, onde ele introduz reflexões sobre o “espírito animal” que desenvolve, a seguir, na reconstituição imaginária do homem orgânico enquanto “animal-máquina”.

Lá, entre as palavras do discurso cartesiano, o pensador da contemporaneidade identifica o esquecimento do pensador que condiciona o nosso “existir” ao “pensar”. Localiza a “falha” na figura híbrida do bestário mitológico empregado por Descartes: “e nós podemos imaginar distintamente uma cabeça de leão enxertada no corpo de uma cabra, sem que seja preciso concluir por isto que haja no mundo uma Quimera” (DERRIDA, 2002, p. 85).

Lá, no interior desta cena autobiográfica que vai “de Aristóteles a Descartes, de Descartes, sobretudo, a Heidegger, a Levinas e a Lacan”, através de uma fresta, a

Quimera cartesiana “em falta” espreita e espera que a “zoo-autobiografia” derridiana a re-aloque, em sua total monstruosidade, no interior do discurso da filosofia. E o filósofo, didaticamente, explica ao seu interlocutor: “Khimaira, nós sabemos, esse nome próprio designou um monstro que cuspiu fogo. Sua monstruosidade devia-se à multiplicidade, precisamente, dos animais, do *animot* nele (cabeça e tórax de leão, vísceras de cabra, cauda de dragão)” (DERRIDA, 2002, p. 78). O caráter plural, recuperado à figura mitológica pelo acréscimo da cauda esquecida, abriga a palavra entrecruzada ANIMOTS e possibilita a realização da cerimônia de resgate do animal, a que Derrida se propõe em *O animal que logo sou*. Lá, entre o monstro mitológico e o homem que o caça e acoisa, o filósofo contemporâneo estrategicamente introduz o espelho lacaniano – o olhar de um gato –, diante do qual se posiciona: *Ecce animot*.

A relação especular lhe permitirá acolher, no seu existir, todos os animais do bestário – do *animot* – que carrega em si. A amálgama da acolhida os libera, de Belerofonte, o herói caçador que segue e persegue o animal, aquele homem que diz “eu sigo, eu persigo, acosso, controlo e domo o animal” (DERRIDA, 2002, p. 78).

Do cruzamento dessas duas singularidades genéricas – o animal (*l’animot*) e o “eu” – emerge a aporia final de *O animal que logo sou (A seguir)*. O cerne dessa aliança de oposições é marcado por uma certa ausência de caminho ou de via de saída que expande a digressão e eterniza a aporia. A salvação, sinalizada por um retornar sobre os próprios passos, recria fronteiras entre os viventes, multiplica-as:

“Existe narcisismo animal? [...] O animal em geral, o que é? [...] Quem responde a quem? Quem responde ao nome comum, genérico e singular do que eles chamam assim tranquilamente o ‘animal’? Quem é que responde? [...] ‘Mas eu, quem sou eu’? [...]”

[.....]” (DERRIDA, 2002, p. 92)

O questionamento proposto por Derrida no colóquio de Cerisy-97 não se limita, nem se prescreve; desloca o ponto final para mais adiante, abrindo espaço para acolher o que virá, (*A seguir*), após *O animal que logo sou: O homem autobiográfico*.

Após ter lecionado na Sorbonne, de 1960 a 1964, e na École Normale Supérieure, entre 1964 e 1984, Jacques Derrida atualmente dirige a École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. É autor de uma obra numerosa que inclui *De la grammatologie* (1967), *Verité en peinture* (1978) e *Du droit à la philosophie* (1990). Dentre as que foram traduzidas para o português: *A escritura e a diferença* (1967), *A farmácia de Platão* (1972), *Margens da filosofia* (1972), *Che cos’è la poesia* (1992), *Gramatologia* (1978), *Margens da filosofia* (1972) e *Direito à filosofia* (1990).

Recentemente – em agosto de 2004 –, o filósofo marcou presença no Brasil, em Colóquio Internacional realizado na cidade do Rio de Janeiro e que teve como tema a

desconstrução: *Pensar a desconstrução: questões de política e estética*. Coube ao filósofo abrir o evento com a palestra “O perdão, a verdade, a reconciliação, qual gênero?” Na ocasião lançou a coletânea de artigos *Papel-Máquina* (Editora Estação Liberdade). Aos brasileiros, coube o privilégio de hospedá-lo e assisti-lo, senão na derradeira, ao menos em uma das suas últimas aparições em público.

Referências

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. Tradução de Rogério Costa. São Paulo: Iluminuras, 1997.

